

PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Lídia Moreira

ENTREVISTA

JOSÉ COSTA RIO nasceu em Montinhos da Luz, freguesia da Luz, concelho de Lagos, em 1933.

Concluiu o Ensino Primário.

Profissionalmente, foi trabalhador rural, marítimo e pedreiro de construção civil.

Em 25 de Abril de 1974, José Costa Rio vivia e trabalhava em Lagos.

DESCRIÇÃO

Código de Referência: PT/ML/AML/C/3/35/000010

Título: Entrevista a José Costa Rio

Data: 21/09/2023

Local: Instalações da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos.

Tipo: Entrevista áudio formato M4A

Duração de gravação: 00:36:58

Entrevistador: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Registo fotográfico: Museu de Lagos / Lídia Moreira

Transcrição: Mário Lino

Revisão e edição: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Texto revisto e validado pelo entrevistado a 18/04/2024.



Patrícia de Jesus Palma (PJP): *Senhor José Rio, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar conosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. Começo por lhe perguntar do que se lembra do concelho de Lagos, no tempo da sua juventude?*

José Costa Rio (JCR): Comecei a trabalhar para fora aos 17 anos, agora, em casa, foi logo de moço pequeno.

PJP: *Ajudando os pais no campo?*

JCR: A apanhar erva para os animais, por exemplo, no tempo de escola. Eu nasci nos Montinhos e morei nos Montinhos até me casar. E, aos sete anos, vinha dos Montinhos a pé para a Luz, à escola. Cestinho aviado, saquinha com os livros às costas, uma cestinha na mão com alguma coisa...

PJP: *Era para o dia todo. E levava quanto tempo de casa à escola?*

JCR: Isso não sei. Mas são mais que dois quilómetros. De manhã era a descer e à tarde era a subir.

PJP: *À tarde era pior. Então quantos anos tinha quando veio morar para Lagos?*

JCR: Há 50 anos, tinha 40. Tenho 90.

PJP: *E veio morar para cá por causa do trabalho?*

JCR: Por causa do trabalho e pela escola dos meus filhos, do meu filho, que a minha filha já nasceu em Lagos.

PJP: *E quando se dá o 25 de Abril, que memórias é que tem desses dias, da altura em que se dá a Revolução?*

JCR: Olhe, essa memória para mim não é nada. E posso-lhe dizer que só fez foi mal à minha vida. Porque eu trabalhava numa companhia boa e ganhava bem. Era encarregado das obras, tinha um bom ordenado e não foi logo a seguir ao 25 de Abril, mas foi uns anos depois do 25 de Abril: congelaram os ordenados, aumentou tudo... Eu, quando chegava a receber o dinheiro, quando chegava ao dia 22, 23, 24... “– José, então e agora? O que é que comes? Já se acabou o dinheiro!” Enquanto andava tudo a lutar contra o desemprego, fui obrigado a desempregar-me para ganhar para comer!

PJP: *Foi um período difícil para si?*

JCR: Sim, foi difícil. Resultado: hoje podia ter uma reforma boa. Eu ganhava bem e comecei a ganhar por minha conta, não tinha ordenado, não podia descontar mais que o ordenado mínimo. Hoje tenho a reforma do ordenado mínimo, que não é nada.

PJP: *Como se chamava essa empresa?*

JCR: MATINAS – Empresa de construção civil. A empresa era de Lisboa, mas tinha uma sucursal aqui em Lagos.

PJP: *E nessa altura já tinha filhos que andavam na escola?*

JCR: O meu filho, quando eu vim para Lagos, tinha sete anos, entrou na escola logo aqui em Lagos. E a minha filha nasceu aqui, nesse ano que eu vim para Lagos.

PJP: *Então, esse período do 25 de Abril e após, foi um período em que, no seu caso, as coisas se alteraram para pior. As primeiras eleições autárquicas foram depois em 1976. Lembra-se disso? Da primeira vez em que foi votar?*

JCR: A primeira vez em que fui votar, lembro-me muito bem. Sabe qual foi? Foi no ano que saí da tropa, recebi uma carta com o nome do Presidente da República, para eu ir entregar essa carta no voto.

PJP: *Já não se lembra em que altura é que isso foi?*

JCR: Já não me lembro, eu saí da tropa com 21 ou 22 anos.

PJP: *Onde é que fez a tropa?*

JCR: Fiz aqui em Lagos. Fiz uma tropa linda, fiz aqui em Lagos e na minha casa. Não chegou a dois anos. Mas, no final da tropa... Ninguém podia sair do quartel. Era só com uma dispensa, ou de fim-de-semana, ou de recolher, ao dia de semana. Eu consegui, falando com o primeiro sargento da minha companhia, com o comandante da minha Companhia, consegui ir dormir todos os dias à minha casa. Por isso, eu digo: tive tropa em Lagos e na minha casa! Eu até ultimamente fui para o conselho administrativo. Foi a única coisa que me deixou pena, da tropa, foi isso. Lá aprendi muita coisa.

PJP: *Que lhe foi útil para a sua vida?*

JCR: Não, para a minha vida não. E os meus superiores diziam, por eu sair: “– José, faz um requerimento, que hoje o quadro está fechado, mas o quadro amanhã abre e tu és logo promovido!” E sabia, realmente, pela minha especialidade, que podia haver mais guerra, que eu não ia para a guerra. Mas, eu não gostei da tropa e optei por sair.

PJP: *Depois, quando começa a trabalhar por sua conta, depois do 25 de Abril, é uma altura em que a construção em Lagos cresce bastante, não é?*

JCR: Cresceu antes de eu sair, mas, depois, nessa altura abrandou um bocadinho, que até havia dificuldade em arranjar trabalho. Porque houve uma altura, antes do 25 de Abril, em que, se por qualquer coisa, me chateava com o encarregado da obra, agarrava na minha ferramenta e ia-me embora. Quando chegava ali à ponta:

“– Mestre, então onde é que você vai?”

– Ah, chateei-me ali com o encarregado e vou para casa, vou à *pregunta* de trabalho noutro lado”

– Se quiser vir para aqui, pode deixar já aqui a ferramenta e venha trabalhar amanhã!”

PJP: *Então e é nesse período que trabalhou no Museu de Lagos?*

JCR: Não. No Museu tenho lá coisas que vim fazer para o meu pai. Porque o meu pai foi um dos “fundadores” do Museu.

PJP: *Como é que ele se chamava?*

JCR: Francisco António Rio. Trabalhava, na altura, para o Dr. Formosinho, foi o Dr. Formosinho que fundou o Museu. O meu pai, como trabalhava para ele, qualquer coisinha vinha aqui ao Museu.

PJP: *E o que é que o seu pai fazia?*

JCR: Ele era encarregado do serviço de agricultura do doutor, na fazenda que o doutor tinha. Ele tinha uma fazenda com um quinteiro. Nunca foi feitor do Dr. Formosinho. Naquele tempo havia feitores, com ordenado. Mas trabalhava. O trabalho do patrão estava todo à responsabilidade do meu pai. E, quando havia pessoal a trabalhar, o meu pai trabalhava tal e qual como outro qualquer. Quando não havia trabalho para os outros, o doutor pagava-lhe todas as semanas dois dias, mesmo que ele não fosse lá. Dois dias por semana tinha o ordenado dele, mesmo sem trabalhar. E quando trabalhava tinha o ordenado dele, normal. E, então, ele como trabalhador do doutor, colaborou muito no princípio do Museu, que o Museu foi montado nessa altura.

PJP: *E lembra-se de ir ao Museu ajudar o seu pai?*

JCR: Não, eu ajudava o meu pai era em coisas que o meu pai fazia em madeira, que ainda lá estão. Um engenho de madeira, uma nora, arados de vários tamanhos...

PJP: *Que era o seu pai que fazia?*

JCR: Era o meu pai que fazia isso. O que está lá em madeira, foi tudo o meu pai e eu a ajudar-lhe.

PJP: *E o Dr. José Formosinho pedia-lhe para fazer como eram os tradicionais, para depois ter o exemplo no Museu?*

JCR: O doutor montou o Museu e o meu pai fazia essas coisinhas assim. Até há lá uma coisa que tenho a impressão que ninguém sabe qual é o significado daquilo.

PJP: *O que é?*

JCR: Que é uma cadeira que as mulheres usavam para andar a cavalo nos burros.

PJP: *Que era posta de lado, uma dessas cadeiras?*

JCR: Era posta em cima da albarda, com uma silha, e a senhora sentava-se assim... [exemplifica]. Naquele tempo, as senhoras não usavam calças. E era assim que andavam a cavalo nos burros, sentadas nessa cadeira.

PJP: *E foi o seu pai que fez essa cadeira, a pedido do Dr. Formosinho? E, na altura, usava-se essa cadeira ou já tinha passado o uso?*

JCR: Eu não me lembro de ver isso. Deviam andar assim, com aquela cadeira, mas sei que a finalidade da cadeira era isso.

PJP: *E móveis para o Museu, ele também fez, ou era mais as peças?*

JCR: Eram faseados. Todas as peças que estão lá da agricultura foi tudo feito na casa do meu pai.

PJP: *E o seu pai tinha oficina para fazer essas coisas?*

JCR: O meu pai não tinha oficina. O meu pai era um curioso e como não havia mais ninguém que fizesse as coisas da agricultura, os vizinhos depois iam todos lá para o meu pai fazer. Mas nunca teve oficina. E eu comecei-lhe a ajudar àquilo desde moço pequeno. E aprendi a trabalhar em madeiras, que hoje faço muita coisa em madeira. Aprendi a trabalhar com quem não sabia! Trabalhei muito tempo com quem sabia, depois de homem, na profissão de pedreiro, por exemplo. Tenho o prazer de dizer que nunca encontrei um impossível. E nunca ninguém me ensinou a fazer isto. Via fazer e tentava fazer. E enquanto não fizesse, não descansava. Mas, nunca houve ninguém que dissesse: “– Faz isto assim, põe com este jeito, ou faz assim ou faz assim!” Até a primeira vez que fui jogar massa à parede, rebocar uma parede... Perguntei ao encarregado o que ia fazer e ele:

“– Vai para o pé daquele homem, vai rebocar a parede além, aprende além com aquele homem!”

O homem pegava na colher, punha a massa e a massa ficava toda lá! E eu, atirava, e vá para o chão... E ele:

“– Eh pá, não vês como eu faço? Faz assim como eu faço! Não vês, faz assim como eu faço, que fica toda!”

Mas, nunca teve a coragem de explicar – vais pegar com este jeito, dá este jeito ao braço... Depois de fixar, com tanta vez, apanhei o jeito. Jogava a massa e ela ficava lá. Ninguém nasce ensinado. Por exemplo, o desenho das obras, eu já trabalhava, e ele dizia:

“– Vá fazer isto, vá fazer aquilo.” – E eu fazia.

PJP: *E aprendeu a fazer desenho? Sabia ler os desenhos?*

JCR: Não, não percebia nada do desenho. Eu via, quando iam marcar uma obra, que tem de ser sempre dois a marcar, um para segurar na fita e outro a tirar as medidas. E ele, quando me chamava – mas eles fazem sempre assim (pensava), eles fazem sempre assim. Houve uma altura em que estava a trabalhar numa companhia – não na Matinas, ainda – e o patrão, o encarregado-geral foi-me buscar. E eu: para onde é que eles me levam agora? Levaram-me para uma terra, uma horta, onde não havia nada, para ir fazer um primeiro andar da casa:

“– Zé Rio, você amanhã vem para aqui, vêm os homens consigo, serventes, e vamos fazer aqui esta casa e você é o encarregado da obra.”

– Eu? Mas como posso ser o encarregado da obra se eu não percebo nada disto?

- Não se preocupe com isso. Eu venho aqui todos os dias, eu e o Augusto (o Augusto Matias, que era o encarregado-geral), venho aqui todos os dias. Quero que seja você e é você!”

Sabe qual foi o resultado? Deixei-me dormir muitas vezes agarrado ao desenho, a fazer as minhas contas. Isto era no verão. Para compreender. No dia seguinte, às nove horas era para estar na obra, às nove não, às oito, para começarmos o trabalho. O Augusto apareceu lá às 11 horas, que ele andava aí pelas outras obras.

“- Então vamos lá começar!”

Começámos. Eu consegui apanhar um dos quatro cantos da casa.

“– Zé, então depois ao meio-dia vamos almoçar! Agora vê lá (que eu era amigo dele, da mesma idade e tudo) se está feito de manhã!

- Sabes que eu não percebo nada disto!

- Não, ‘tá feito!”

Como era na Luz, eu vinha almoçar a Lagos. Era uma hora estava lá, eu à espera do Augusto... Quando o Augusto apareceu lá eram quatro horas e eu, para não estar parado, comecei a olhar para aquilo, a fazer contas. Às tantas, chamei um servente para o pé de mim e marquei todos os pontos da casa. Quando o Augusto chegou lá:

“– Então, olha, para não estar parado já fiz isto, mas não sei se está bem feito, eu não sei o que fiz... (e não sabia bem!)...

– Então, pega lá aí na fita e vamos lá a ver a medida.”

E depois:

“– Olha, desenrasca-te! Se soubeste fazer até aqui, também sabes fazer daqui para a frente!”

PJP: *E a casa foi para a frente?*

JCR: E a casa foi para a frente e acabou-se a casa e aprendi o desenho assim.

PJP: *E aprendeu assim a fazer as medições, à sua custa?*

JCR: E houve um desenhador, já depois disso, já trabalhava na Matina, houve um desenhador que me fez essa observação:

“– Ó Sr. Zé, onde é que você aprendeu isso?”

E eu disse-lhe e ele:

“– Porque é que a MATINA não contrata um desenhador para lhe dar mais explicações? E assim ficava mais esclarecido!

– Agora? Agora já fiz tantos, depois ia ficar mal...” E pronto.

PJP: *Dos trabalhos todos que fez na sua vida, ou na construção, há algum trabalho que o tenha marcado mais, ou que tenha gostado mais de fazer?*

JCR: Não.

PJP: *Hoje, se calhar, passa pela cidade e reconhece muitos sítios onde trabalhou.*

JCR: Sim, mas seja como for, eu nasci para trabalhar e gosto muito de trabalhar, de fazer seja o que for. E até me sinto mal quando não tenho nada para fazer, acredita?

PJP: *Acredito muito bem.*

JCR: Porque hoje tenho 90 anos e não posso estar parado.

PJP: *O que é que o ocupa?*

JCR: A minha garagem, tirar daqui, pôr ali. E faço uma horta. Na horta, eu é que tenho de fazer tudo. Tenho um banco de carpinteiro, tenho uma bancada de serralheiro, para fazer de tudo um pouco. Tenho um aparelho de soldar. É preciso soldar um ferro, eu soldo. Preciso de cortar, tenho a rebarbadora para cortar. Nas pinturas é que nunca dei nada. Nem sei pegar num pincel, tão pouco. Na pintura, pintar uma parede com um rolo, tinta de água, pinto. No tempo de cair, a pincel, que eu não soubesse se calhar fazer, fazer os “bonecos”. Ficava tudo em condições, porque eu obriguei-me a aprender. Mas, não consegui dar-lhe no jeito. E eu era na altura já encarregado. Depois, quando os pintores iam pintar – no outro tempo, as madeiras era tudo pintado e barrado – o que eu pedi para eles me ensinarem a fazer!... “– Então: faz assim, assim, assim...”

E eu nunca dei nada na pintura. Foi a única coisa da construção que nunca dei nada, foi na pintura.

PJP: *E da construção, que ferramentas é que guarda com especial carinho, as suas ferramentas de Mestre?*

JCR: Tenho talocha, tenho ponteiros, tenho maceta, o fio-de-prumo, nível, tenho uns três ou quatro. E não tenho mais, sabe porquê? Porque quando deixei de trabalhar ofereci uma betoneira, um lança de andaimes, madeira para (desfolhar) as placas, o que tinha ali ofereci, porque não tinha uso.

PJP: *Mas ficou com essas que eram mais do seu uso?*

JCR: Sim, fiquei com as pequenas, ficou arrumadinho, agora as grandes de construção ofereci tudo.

PJP: *E lembra-se de mais alguma coisa que gostasse de partilhar connosco, sobre a sua vivência aqui em Lagos?*

JCR: A minha vivência aqui em Lagos praticamente não foi nenhuma. Era trabalhar e sempre fora de Lagos.

PJP: *Em que zonas é que trabalhou, Sr. José?*

JCR: Eu trabalhei em muito lado. Olhe, na Penina, fiz lá, não foi todas, mas pelo menos metade das casas que lá estão.

PJP: *Durante anos?*

JCR: Sim, trabalhava na Matina nessa altura, a Matina pegou uma obra em Petroves. Lá ia eu também. E foi a minha vida, ali assim. E sei que tenho um grande prazer, depois do 25 de Abril, enquanto andava tudo a lutar contra o desemprego, eu escrevi uma carta à companhia, a me desempregar. Depois de estar desempregado, a companhia foi-me chamar muitas vezes para trabalhar para eles, por minha conta. Aí, fazia o orçamento. Pagavam-me o que eu tinha pedido no orçamento e mais nada.

PJP: *Isso foi também um reconhecimento para si. Sentiu isso como um reconhecimento da companhia?*

JCR: Para mim e não só, para o encarregado-geral da companhia. Porque era ele que me vinha sempre chamar. Quando via lá qualquer coisa assim difícil de fazer, vinha-me chamar.

PJP: *Trabalhou ainda muitos anos assim?*

JCR: Trabalhei até aos sessenta, até me reformar.

PJP: *E tem aproveitado bem a reforma?*

JCR: Olá! Ainda aproveitei um bocadinho, mas agora já não posso sair de casa.

PJP: *Por causa da saúde?*

JCR: Então, já não posso andar, praticamente. A minha mulher ainda está pior que eu...

PJP: *E tem quantos anos, a sua esposa?*

JCR: Tem 84, 85. É um bocadinho mais nova. Ela tem mais problemas de saúde. O pior é as pernas. Eu houve uma altura em que... Nós até ficámos bem da reforma. Havia uma companhia que tinha coisas para vender e organizava passeios para fazer demonstrações do que vendia. Já tinham lá o meu número de telefone e a minha direção. Quando tinham um passeio qualquer, em Espanha, no estrangeiro, em qualquer lado, diziam: “Temos um passeio assim e assim”, “– Pode pôr o meu nome.” E viajei muito assim.

PJP: *Ainda deu para conhecer muito na reforma?*

JCR: Sim. A Junta de Freguesia também todos os anos fazia um passeio em Portugal, a Câmara fazia outro. Até isso já acabou, também. Íamos a todos. Agora, mesmo que eu quisesse, já não podia ir.

PJP: *Sr. José, muito obrigada por ter vindo conversar connosco. É um gosto e ficamos-lhe muito agradecidos por falar da sua história e da sua experiência. Ainda gostávamos que fosse ao Museu para identificar essas suas peças, que fez com o seu pai.*

JCR: Eu quero ir lá ainda. E já falei com o meu neto, para irmos lá, quando houver oportunidade, vamos.

PJP: *Diga-me só o nome do seu pai.*

JCR: Francisco António Rio. Nasceu em 1900 e faleceu em 1974, morreu com 74 anos. Naquela altura, já era velho.

PJP: *Nessa altura, as pessoas envelheciam mais cedo.*

JCR: Naquela altura, ele já era velho. Eu hoje tenho 90 e estou mais novo do que ele com 74. A ver se vou lá ao Museu, a um domingo, com o meu neto. Porque do antigamente, eu conheço aquilo quase tudo. Os pássaros e os ninhos que estão lá, quem apanhou os pássaros e os ninhos fui eu e o meu irmão.

PJP: *Ah, são os meninos dos passarinhos!... E lembra-se qual era o gosto que o Dr. Formosinho tinha de ter lá os pássaros e os ninhos?*

JCR: Uma exposição rara. Aquele cabrito que lá está nasceu na minha casa, ao pé de mim. Não sei quantos anos ele tinha, mas eu devia ter 7, 8, 9 anos. Nasceu aqui, arrojou-se até ali à porta, chegou ali à porta e morreu.

PJP: *E depois o seu pai é que o trouxe para o Museu?*

JCR: Nunca ninguém tinha visto um cabrito com oito patas e o meu pai entregou ao doutor e o doutor mandou embalsamá-lo e tratou dele, pronto. E acho que ainda lá está.

PJP: *Ainda lá está. É uma das atrações do Museu.*

JCR: E quando falo no Museu, o Museu é o cabrito.

PJP: *Que afinal é o cabrito do Sr. José Rio, que agora é de todos...*

JCR: Pois, nasceu ao pé de mim, que eu é que tratava dos animais naquela altura.

PJP: *E o Sr. José teria cerca de oito anos, mais ou menos?*

JCR: Sim, devia ter mais ou menos oito anos, já apanhava ervas para as cabras. Quando tinha sete anos, comecei a andar na escola. Quando chegava da escola, tinha de ir apanhar erva nos campos, para as cabras e para os coelhos.

PJP: *E o tempo de estudo?*

JCR: Depois à noite, logo lia um bocadinho.

PJP: *Se os olhos ainda aguentassem e a luz deixasse...*

JCR: Pois... (risos)

Referência para citação: MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a José Costa Rio*. 2023-09-21. 10 p. Acessível, com a ref.ª PT/ML/AML/C/3/35/000010, em <https://abrir.link/kqCyg>.